Por: **Alexandre Mathias** - Estrategista Chefe, **Bruno Benassi** - Analista de Ativos e **Luciano Costa** – Economista Chefe

Destaques na abertura do mercado

O Federal Reserve reduziu a taxa de juros em 25 pontos base, em uma votação dividida, trazendo a taxa básica para o intervalo de 3,5% a 3,75% ao ano. A mensagem, no entanto, foi de que — com os juros próximos da zona neutra — a maioria dos diretores tende a aguardar alguns meses antes de definir os próximos passos.

Os mercados futuros seguem embutindo cortes, atribuindo mais de 77% de probabilidade a duas novas reduções no próximo ano.

Os Treasuries mostram oscilações marginais nesta manhã, com a taxa de 10 anos em 4,14% e a de 2 anos em 3,53% — praticamente estáveis em relação ao fechamento anterior.

No câmbio, o dólar recua nesta quinta-feira (11) e atinge a mínima desde 21 de outubro, com o índice DXY em 98,543 pontos. O Bitcoin cai 2,30%, cotado a US$ 90.272,51, enquanto o ouro recua 0,20%, a US$ 4.221,49 por onça.

Entre as commodities, o petróleo WTI opera em baixa de 0,75%, cotado a US$ 76,74 por barril. O minério de ferro avança 0,56%, para US$ 106,54 por tonelada.

As bolsas asiáticas devolveram os ganhos iniciais e fecharam majoritariamente no negativo hoje, com queda de 0,72% no Shanghai CSI 300 e 1,03% no Nikkei 225. A Europa opera em baixa moderada, com o Euro Stoxx caindo 1,32%.

Em Nova York, os futuros recuam de forma moderada, pressionados pela queda de 11% das ações da Oracle no *after-hours*. A gigante de computação em nuvem divulgou receita aquém do esperado e aumentou a projeção de gastos, reacendendo o debate sobre o retorno dos investimentos em IA. Nas negociações estendidas, Nvidia recua 1% e CoreWeave cai mais de 3%.

No Brasil, ontem (10) o Ibovespa avançou 0,69%, encerrando aos 159.075 pontos, enquanto o dólar encerrou o dia em alta de 0,62%, para R$ 5,469. A curva de juros apresentou abertura e aumento da inclinação, com as taxas longas subindo mais que as curtas. Após o fechamento, o Copom manteve a taxa Selic em 15% a.a. e manteve um discurso duro.

EUA: O Fed reduziu a taxa básica dos EUA em 25 p.b., para a faixa de 3,50% a 3,75% a.a., em linha com as expectativas. Powell justificou o corte pelo enfraquecimento do emprego e por uma inflação mais baixa, especialmente nos serviços, enquanto pressões vindas de tarifas devem ser temporárias.

Com o corte acumulado de 0,75 p.b. em 2025, a taxa alcançou o intervalo estimado para a taxa de juros neutra e comunicação sugere uma postura de espera antes de novos ajustes. O "dot plot" manteve um corte previsto para 2026 e outro para 2027.

O Fed não demonstra urgência em afrouxar a política monetária. Nós seguimos projetando um corte adicional de 25 p.b. em março de 2026, levando a taxa para 3,5% ao ano. Na próxima página foi incluída a sessão **Monte Bravo Analisa – FOMC, com a análise da decisão e os impactos sobre os investimentos.**

Brasil: O IPCA subiu 0,18% em novembro, em linha com o consenso e ligeiramente abaixo da nossa projeção. A inflação manteve um comportamento benigno, com melhora das medidas subjacentes e impacto dos descontos da Black Friday, além da continuidade da deflação de alimentos e combustíveis.

Os núcleos também mostraram desaceleração, com alta de 0,23% em novembro, abaixo de outubro, e recuo do acumulado em 12 meses. O núcleo de bens teve deflação, com destaque para eletroeletrônicos, móveis e itens pessoais, enquanto o núcleo de serviços teve comportamento segue benigno.

Para dezembro, o IPCA deve subir 0,45% devido à reversão dos descontos e pressões sazonais. A projeção do IPCA para 2025 foi reduzida de 4,5% para 4,4%, com a inflação terminando o ano abaixo do teto da meta, o que reflete a apreciação da taxa de câmbio e o êxito do Banco Central de reconstruir a credibilidade da política monetária.

Brasil: O Copom manteve a Selic em 15% a.a. e reforçou uma comunicação dura, destacando expectativas de inflação desancoradas, projeções elevadas, atividade resiliente e pressões no mercado de trabalho.

Apesar dessa postura firme, há inconsistências entre o tom do comunicado e as próprias projeções do Banco Central, que apontam inflação de 3,2% no segundo trimestre de 2027 mesmo com cerca de 2,75 p.p. de cortes. Simulações indicam que, ao fim de janeiro de 2026, o modelo do BC deverá projetar inflação dentro da meta no horizonte relevante.

Diante disso, conciliando a comunicação rígida com uma gestão prudente de riscos, ajustamos o cenário para um corte menor em janeiro — de 25 p.b. ao invés dos 50 p.b. inicialmente previstos —, seguido de aceleração para cortes de 50 p.b. nas reuniões subsequentes. Na próxima página foi incluída a sessão **Monte Bravo Analisa – Copom com a análise detalhada da decisão e os impactos sobre os investimentos.**

Preços de Ativos Selecionados[1]

		Cotação	Variação[2]			
		11-dez-25	dia	Mês	2025	12 meses
Renda Fixa	Tesouro EUA 2 anos	3.53	-1	4	-71	-60
	Tesouro EUA 10 anos	4.14	-1	12	-43	-6
	Juros Futuros - jan/27	13.76	3	18	-218	-93
	Juros Futuros - jan/31	13.53	10	55	-191	-46
	NTN-B 2027	8.69	4	12	79	123
	NTN-B 2050	7.16	0	14	-30	28
Renda Variável	MSCI Mundo	1,012	0.5%	0.7%	20.3%	16.8%
	Shanghai CSI 300	4,552	-0.9%	0.6%	15.7%	14.8%
	Nikkei	50,149	-0.9%	-0.2%	25.7%	28.1%
	EURO Stoxx	5,716	0.1%	0.8%	16.7%	14.6%
	S&P 500	6,887	0.7%	0.5%	17.1%	14.1%
	NASDAQ	23,654	0.3%	1.2%	22.5%	20.1%
	MSCI Emergentes	1,383	0.3%	1.1%	28.5%	24.4%
	IBOV	159,075	0.7%	0.0%	32.3%	24.1%
	IFIX	3,676	0.0%	0.4%	18.0%	24.0%
	S&P 500 Futuro	6,855	-0.5%	-0.1%	12.4%	8.7%

		Cotação	Variação[2]			
		11-dez-25	dia	Mês	2025	12 meses
Moedas	Cesta de moedas/ US$	98.62	-0.2%	-0.8%	-9.1%	-7.1%
	Yuan/ US$	7.06	-0.1%	-0.2%	-3.3%	-2.8%
	Yen/ US$	155.81	-0.1%	-0.2%	-0.9%	3.0%
	Euro/US$	1.17	0.1%	0.9%	13.0%	10.9%
	R$/ US$	5.47	0.6%	2.6%	-11.4%	-9.6%
	Peso Mex./ US$	18.17	-0.2%	-0.7%	-12.0%	-9.9%
	Peso Chil./ US$	923.06	-0.3%	-0.5%	-7.2%	-5.3%
Commodities & Outros	Petróleo (WTI)	57.6	-1.5%	-1.6%	-19.7%	-15.8%
	Cobre	532.8	1.0%	2.7%	32.3%	26.2%
	BITCOIN	90,272.5	-2.3%	-0.7%	-3.7%	-6.9%
	Minério de ferro	106.5	0.6%	1.6%	2.8%	0.7%
	Ouro	4,225.7	-0.1%	-0.3%	61.0%	58.8%
	Volat. S&P (VIX)	16.1	2.2%	-1.4%	-7.1%	13.6%
	Volat. Tesouro EUA (MOVE)	68.6	-9.0%	-0.5%	-30.5%	-23.8%
	ETF Ações BR em US$ (EWZ)	32.8	0.1%	-2.5%	45.6%	27.0%
	Frete marítimo	2,430.0	-5.0%	-5.1%	143.7%	110.2%

(1) Cotações tomadas às 8h BRT trazem o fechamento do dia dos ativos asiáticos, o mercado ainda aberto para ativos europeus e futuros e o fechamento do dia anterior para os ativos das Américas.

(2) Ativos de renda fixa apresentam a variação em pontos-base (p.b.), esta é a forma como o mercado expressa variações percentuais em taxas de juros e spreads. O ponto-base é igual a 0,01% ou 0,0001 em termos decimais. Os demais ativos mostram a variação em percentual.

Fonte: Bloomberg.

Indicadores de hoje

	País	Evento	Ref.	Esperado	Efetivo	Anterior
9:00	BZ	Vendas no varejo M/M	Oct			-0.30%
9:00	BZ	Vendas no varejo A/A	Oct			0.80%
9:00	BZ	Vendas no varejo ampliado M/M	Oct			0.20%
9:00	BZ	Vendas no varejo ampliado A/A	Oct			1.10%
10:30	US	Novos pedidos seguro-desemprego	6-Dec			

Indicadores do dia anterior

	País	Evento	Ref.	Esperado	Efetivo	Anterior
9:00	BZ	IPCA A/A	Nov	4.47%	4.46%	4.68%
9:00	BZ	IPCA M/M	Nov	0.19%	0.18%	0.09%
16:00	US	FED - Taxa de juros (Limite mínimo)	10-Dec	3.50%	3.50%	3.75%
18:30	BZ	Taxa Selic	10-Dec	15.00%	15.00%	15.00%

IMPORTANTE: A Monte Bravo Corretora de Valores Mobiliários S.A. ("Monte Bravo") é uma instituição financeira autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil. Esta mensagem e eventuais anexos podem conter informações confidenciais destinadas a indivíduo e propósito específico, sendo protegidos por lei. Caso você não seja o destinatário ou pessoa autorizada a recebê-la, por favor, avise imediatamente o remetente e, em seguida, apague o e-mail. É terminantemente proibida a utilização, cópia ou divulgação não autorizada das informações presentes nesse informe. As informações nele contidas e em seus eventuais anexos são de responsabilidade do seu autor, não representando necessariamente ideias, opiniões, pensamentos ou qualquer forma de posicionamento por parte da Monte Bravo. Por fim, é imprescindível que o destinatário verifique este e-mail e todos os anexos em busca de possíveis vírus. A empresa/remetente não assume responsabilidade por quaisquer danos decorrentes da transmissão de vírus através deste e-mail.

Por: **Alexandre Mathias** - Estrategista Chefe, **Bruno Benassi** - Analista de Ativos e **Luciano Costa** – Economista Chefe

Fed corta juros, conforme esperado, mas entra em compasso de espera

Nesta quarta-feira (10), o FOMC optou por reduzir a taxa dos Fed Funds — juros base dos EUA — para a faixa-alvo de 3,50% a 3,75% a.a.

No comunicado, não houve alteração relevante na avaliação do cenário. Na estratégia de gestão do balanço, o comitê julga que as reservas recuaram para níveis adequados e o Fed iniciará a compra de treasuries de curto prazo conforme necessário para manter o equilíbrio da composição das reservas. Quanto à análise do cenário, o Fed manteve a avaliação de que a economia segue crescendo em ritmo moderado e que os riscos de desaceleração do emprego aumentaram nos últimos meses.

Atividade: Indicadores recentes disponíveis sugerem que a economia segue crescendo em ritmo moderado.

Mercado de Trabalho: A criação de vagas desacelerou e a taxa de desemprego segue subindo até setembro.

Inflação: Subiu desde o início do ano e permanece um pouco elevada.

Balanço de Riscos: Os riscos de baixa para o emprego subiram recentemente.

Orientação para o futuro: O balanço de riscos, os dados a serem divulgados e a evolução do cenário serão os fatores que orientarão a extensão e o momento de cortes adicionais das taxas de juros pelo Federal Reserve.

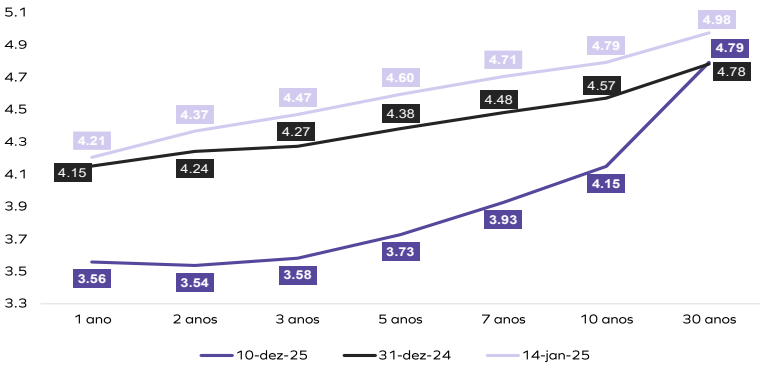
Entrevista: O presidente do Fed, Jerome Powell, **indicou que o patamar de juros alcançado após a decisão de hoje colocou a taxa dentro do intervalo entre 3% e 4% estimado para o nível neutro pelo Comitê.** Portanto, esse é um **nível considerado adequado para observar os impactos do corte de 75 pontos base desde a reunião de setembro sobre a economia. Isso sugere que não há sinalização de novos cortes já na próxima reunião.**

Sobre os dois votos dissidentes, Powell afirmou que todos no Fed concordam que a inflação ainda está elevada e que o mercado de trabalho se enfraqueceu, mas há divergências quanto à forma de ponderar esses riscos — o que explica a divisão na decisão. Ele destacou que o Fed está bem posicionado para aguardar mais dados antes de decidir sobre cortes, especialmente porque algumas estatísticas recentes podem estar distorcidas. Também ressaltou que essas divergências não prejudicam a comunicação do FOMC e refletem a complexidade do momento econômico.

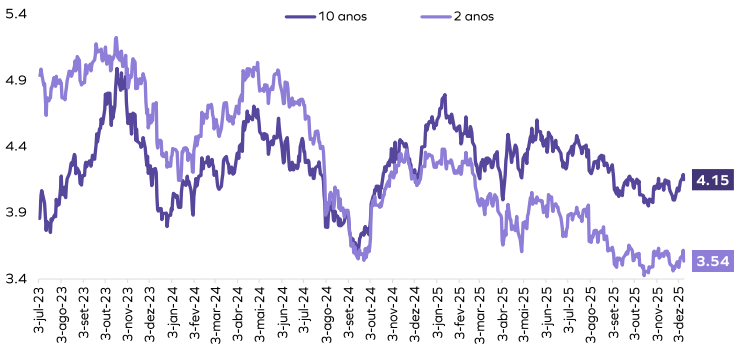
A respeito do impacto das tarifas, o presidente explicou que seus efeitos levam alguns meses para aparecer, pois dependem do tempo de transmissão para os preços dos bens. Uma vez aplicada, a tarifa tende a gerar um aumento pontual, e não contínuo, de preços. **Segundo Powell, a inflação excluindo tarifas está próxima de 2,0%, sendo as tarifas a principal razão da alta recente. Assim, quando esse efeito se dissipar, a inflação convergirá para a meta de 2,0%.**

Avaliamos que a entrevista confirmou que os próximos cortes de juros serão mais dependentes da evolução do cenário, especialmente dos dados de emprego e inflação. A opção por esperar e observar a trajetória da economia até a reunião de janeiro indica que há espaço para cortes adicionais, mas **o Comitê não demonstra urgência em reduzir os juros. Mantemos a expectativa de um corte adicional de 25 p.b. na reunião de março de 2026, levando a taxa para 3,5% a.a.**

EUA - Estrutura a Termo - Treasuries
(% a.a.)



Treasuries 2 e 10 anos
(% a.a.)



O que isso implica para os mercados de ativos

O Fed reduziu a taxa de juros em 25 p.b., para a faixa de 3,50% a 3,75%, a.a. O Comitê considera que a incerteza segue elevada, com riscos para ambos os lados, mas os riscos sobre o emprego aumentaram.

Na entrevista após a reunião, o presidente do Fed Jerome Powell **justificou o corte pelo arrefecimento do mercado de trabalho e pela inflação um pouco mais baixa.** A inflação de serviços desacelerou, enquanto a alta de bens vem sobretudo de tarifas, que seguem no radar, mas com uma crescente confiança de que o impacto será transitório.

As novas projeções do Fed reforçam um cenário de crescimento mais forte em 2026, inflação ligeiramente mais baixa e juros próximos do nível neutro. Tudo isso em um ambiente de consumo resiliente, investimento ligado à IA e política fiscal sustentando a atividade, enquanto o mercado de trabalho esfria gradualmente.

Com a decisão, o Fed acumulou 75 p.b. em cortes em 2025, que trouxeram a taxa base para a zona neutra. **A introdução da expressão "considerando a extensão e o momento de ajustes adicionais" indica que o Fed está agora em compasso de espera.** Nessas condições, é provável que a maioria do Comitê opte por esperar alguns meses para ter maior clareza sobre o espaço para um corte adicional. O "dot plot" manteve um corte em 2026 e outro em 2027.

O mercado reagiu de maneira moderada. Após a entrevista de Powell, a taxa de 2 anos caiu 5 p.b. para 3,54% e a de 10 anos recuou 3 p.b. para 4,15%. O S&P 500 acelerou levemente a alta, enquanto o DXY cedeu 0,45%.

A reunião do Fed confirma nosso cenário global para 2026, com condições financeiros acomodatícias e favoráveis aos ativos de risco. Assim, a despeito da situação fiscal extremamente frágil do Brasil e da volatilidade com o cenário político, a onda global deve seguir empurrando os ativos brasileiros.

Até agosto, portanto, as posições em renda fixa doméstica — tanto prefixados quanto indexadas ao IPCA — continuam com potencial de ganho. As posições pós-fixadas oferecem um retorno robusto, sendo uma alternativa conservadora.

Com um quadro global favorável e a expectativa de queda da Selic a partir de janeiro, continuamos a ver o Ibovespa buscando 180 mil pontos no primeiro semestre de 2026 e atingir 225 mil pontos no final de 2026 caso um ajuste fiscal crível prevaleça após as eleições. A proteção com opções sobre ações segue como excelente alternativa, pois proteger uma queda de 3% do Ibovespa até o final de 2026 tem um custo de cerca de 5%.

Os Fundos Imobiliários, especialmente de tijolos, tendem a se beneficiar dos cortes da Selic em 2026. Títulos de Crédito seguem com carregamento atraente pelos juros elevados, mas é essencial uma curadoria criteriosa.

O final do ano deve registrar um dólar mais próximo de R$ 5,60 por conta do risco fiscal e das incertezas eleitorais.

Nos EUA, com o Fed cortando juros diante de uma economia que não está em recessão, resultados corporativos robustos e o hype em torno de IA, a tendência é que as ações sigam em alta.

IMPORTANTE: A Monte Bravo Corretora de Valores Mobiliários S.A. ("Monte Bravo") é uma instituição financeira autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil. Esta mensagem e eventuais anexos podem conter informações confidenciais destinadas a indivíduo e propósito específico, sendo protegidos por lei. Caso você não seja o destinatário ou pessoa autorizada a recebê-la, por favor, avise imediatamente o remetente e, em seguida, apague o e-mail. É terminantemente proibida a utilização, cópia ou divulgação não autorizada das informações presentes nesse informe. As informações nele contidas e em seus eventuais anexos são de responsabilidade do seu autor, não representando necessariamente ideias, opiniões, pensamentos ou qualquer forma de posicionamento por parte da Monte Bravo. Por fim, é imprescindível que o destinatário verifique este e-mail e todos os anexos em busca de possíveis vírus. A empresa/remetente não assume responsabilidade por quaisquer danos decorrentes da transmissão de vírus através deste e-mail.

Copom mantém taxa Selic em 15%, com comunicado surpreendentemente duro diante da queda da inflação projetada

O Comitê de Política Monetária do Banco Central manteve a taxa Selic em 15% ao ano, com votação unânime. No Comunicado, o Copom justificou a decisão da seguinte forma:

O **ambiente externo** mantém-se incerto em função da conjuntura e da política econômica nos EUA com reflexos nas condições financeiras globais. Este ambiente exige cautela por parte de países emergentes em ambiente marcado por tensão geopolítica.

A **atividade** e o **mercado de trabalho** seguem apresentando trajetória de moderação no crescimento, como observado na última divulgação do PIB. Apesar disso, o mercado de trabalho mostre resiliência.

Inflação e medidas subjacentes seguiram apresentando arrefecimento, mas mantiveram-se acima da meta para a inflação.

As **expectativas de inflação** para 2025 e 2026 apuradas pela pesquisa Focus permanecem em valores acima da meta e situam-se em 4,4% e 4,2%, respectivamente.

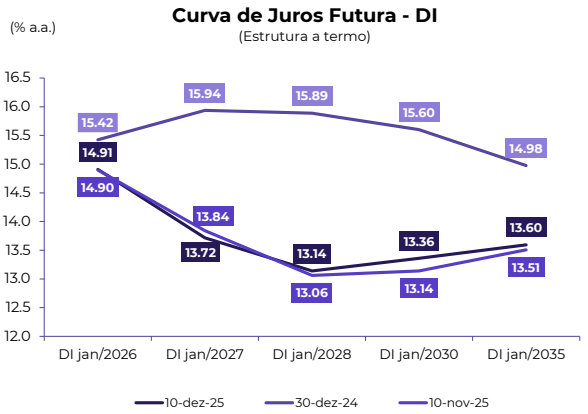
A projeção de inflação para o segundo trimestre de 2027 — atual horizonte relevante de política monetária — foi reduzida de 3,3% para 3,2% no cenário de referência.

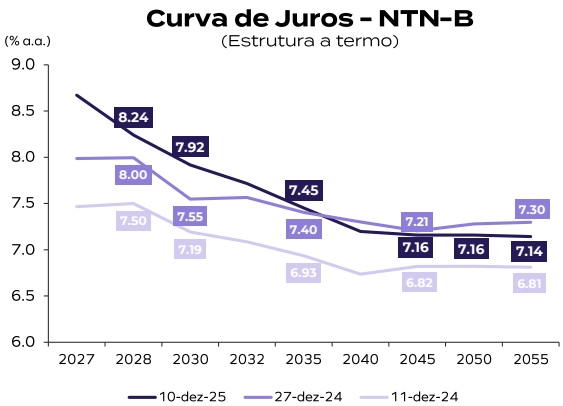
Os **fatores de risco** seguem mais elevados do que o usual. Entre os riscos de alta para o cenário inflacionário e as expectativas de inflação, destacam-se: (i) desancoragem das expectativas de inflação; (ii) maior resiliência na inflação de serviços do que a projetada em função de um hiato do produto mais positivo; e (iii) conjunção de políticas econômicas externa e interna que tenham impacto inflacionário maior que o esperado. Entre os riscos de baixa, ressaltam-se: (i) eventual desaceleração mais acentuada da atividade econômica doméstica; (ii) desaceleração global mais pronunciada decorrente do choque de comércio; e (iii) uma redução nos preços das commodities com efeitos desinflacionários.

Sobre as **tarifas**, o Comitê segue acompanhando com atenção os anúncios referentes à imposição pelos EUA de tarifas comerciais. O Copom reforça a postura de cautela.

Decisão de manter a Selic em 15% a.a.: O cenário segue marcado por expectativas desancoradas, projeções de inflação elevadas, atividade econômica resiliente e mercado de trabalho aquecido. Esse ambiente exige uma política monetária em patamar contracionista por período bastante prolongado. A decisão é compatível com a estratégia de convergência da inflação ao redor da meta ao longo do horizonte relevante.

Próximos passos: O BC julga que o cenário atual, marcado por elevada incerteza, exige cautela na condução da política monetária. O Comitê avalia que a estratégia em curso, de manutenção do nível corrente da taxa de juros por período bastante prolongado, é adequada para assegurar a convergência da inflação à meta.





O que isso implica para os investimentos

O Copom manteve a Selic em 15% a.a. "O cenário segue sendo marcado por expectativas desancoradas, projeções de inflação elevadas, resiliência na atividade [...] e pressões no mercado de trabalho", apontou o comunicado. "Para assegurar a convergência da inflação à meta em ambiente de expectativas desancoradas, **exige-se uma política monetária em patamar significativamente contracionista por período bastante prolongado**", reforçou o Comitê, mantendo a visão apresentada nas reuniões recentes.

"Os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados e que, como usual, (o Copom) não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso julgue apropriado", concluiu. Assim, o Copom — ao contrário do que esperávamos — não flexibilizou a linguagem e continuou uma postura bastante dura que reduz o espaço para cortes em janeiro.

A menção a um aperto nos parece contraditória face a uma projeção que caiu e agora aponta uma inflação de 3,2% no segundo trimestre de 2027, mesmo assumido cerca de 2,75 pontos percentuais em cortes. A crer no modelo, se a Selic ficar constante, a projeção já ficaria muito abaixo da meta.

Quando nos colocamos no final de janeiro de 2026, **nossas simulações apontam que o modelo do BC — que parametriza a função de reação da política monetária — projetará uma inflação na meta dentro do horizonte relevante**.

Nestas condições, o usual é iniciar o ciclo de cortes para evitar uma inflação abaixo da meta devido ao tempo excessivo com uma política monetária contracionista — arriscando um aumento desnecessário do desemprego.

Assim, compatibilizando a postura dura do BC com a boa prática de gestão de riscos, ajustamos o cenário para um corte de 0,25 p.p. em janeiro, e não mais 0,50 p.p., com aceleração para cortes de 0,50 p.p. nas reuniões subsequentes.

A reunião do Fed confirmou nosso cenário para 2026, com condições financeiros acomodatícias e favoráveis aos ativos de risco.

Assim a despeito da situação fiscal extremamente frágil do Brasil e da volatilidade com o cenário político, a onda global deve prosseguir empurrando os ativos brasileiros.

Ainda que seja em março, os cortes da Selic serão um fator adicional para um cenário construtivo que tende a se manter até o início da campanha eleitoral. A partir daí, a percepção sobre o risco fiscal em 2027-30 ganhará centralidade na trajetória dos preços ativos brasileiros.

Com um CDI projetado de 13,40% para os próximos 12 meses, a taxa real de juros esperada é de 8,50%, dado um IPCA de 4,50%. Com isso, a renda fixa brasileira permanece bastante atraente.

Os títulos prefixados se destacam com a expectativa de cortes de juros a partir de janeiro de 2026, enquanto os papéis indexados à inflação, como as NTN-Bs, oferecem cupons superiores a 7% — com potencial adicional de valorização caso se concretize um ajuste fiscal em 2027.

Com um quadro global favorável e a expectativa de queda da Selic a partir de janeiro, continuamos a ver o Ibovespa buscando 180 mil pontos no primeiro semestre de 2026 e atingir 225 mil pontos no final de 2026 caso um ajuste fiscal crível prevaleça após as eleições. A proteção com opções sobre ações segue como excelente alternativa, pois proteger uma queda de 3% do Ibovespa até o final de 2026 tem um custo de cerca de 5%.

No câmbio, o final do ano deve registrar um dólar mais próximo de R$ 5,60 por conta do risco fiscal e das incertezas eleitorais.

Nos EUA, o mercado acionário mantém viés positivo. O cenário tem Fed cortando juros com a economia resiliente, resultados corporativos robustos e o hype em torno de IA. Com isso, a tendência é que as ações sigam em alta.

IMPORTANTE: A Monte Bravo Corretora de Valores Mobiliários S.A. ("Monte Bravo") é uma instituição financeira autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil. Esta mensagem e eventuais anexos podem conter informações confidenciais destinadas a indivíduo e propósito específico, sendo protegidos por lei. Caso você não seja o destinatário ou pessoa autorizada a recebê-la, por favor, avise imediatamente o remetente e, em seguida, apague o e-mail. É terminantemente proibida a utilização, cópia ou divulgação não autorizada das informações presentes nesse informe. As informações nele contidas e em seus eventuais anexos são de responsabilidade do seu autor, não representando necessariamente ideias, opiniões, pensamentos ou qualquer forma de posicionamento por parte da Monte Bravo. Por fim, é imprescindível que o destinatário verifique este e-mail e todos os anexos em busca de possíveis vírus. A empresa/remetente não assume responsabilidade por quaisquer danos decorrentes da transmissão de vírus através deste e-mail.